

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA:
UMA COMPARAÇÃO ENTRE A COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS POR
CRIANÇAS E ADULTOS

CAROLINE GIRARDI FERRARI
ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MAITY SIQUEIRA

PORTO ALEGRE
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

CAROLINE GIRARDI FERRARI

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA TANTO BATE ATÉ QUE FURA:
UMA COMPARAÇÃO ENTRE A COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS POR
CRIANÇAS E ADULTOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
conclusão do curso de graduação em
Licenciatura em Letras – Português e
Literaturas e Inglês e Literaturas, da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

ORIENTADORA: PROF^a DR^a MAITY SIQUEIRA

PORTO ALEGRE

2018

AGRADECIMENTOS

Nossa vida se compõe por diversos ciclos. Alguns mais longos, outros mais curtos. Alguns árduos, outros prazerosos. Mesmo tendo suas diferenças, todos eles têm em comum o fato de que é necessário que se encerrem, para que o próximo se inicie. Este trabalho trata do encerramento de um desses ciclos: a graduação. Durante esse período, vivi experiências únicas, que só foram tão especiais graças às pessoas com quem as compartilhei, tornando cada momento de aprendizagem ainda mais memorável.

Agradeço, em especial, aos meus pais. Obrigada por todo o apoio de sempre, me incentivando a seguir em frente mesmo nos momentos mais difíceis. Agradeço por estarem disponíveis em qualquer momento para me amparar, por compreenderem minhas ausências, por me darem os melhores conselhos e por serem tão maravilhosos em minha vida. Sem vocês, nada disso seria possível.

Ao Cristiano, obrigada por tornar meus momentos mais doces nesse período, ouvindo meus desabaços e segurando minha mão. Obrigada também pelas inúmeras contribuições e por ser minha enciclopédia sempre que precisei.

À minha orientadora, Maity, por ter aberto tantos caminhos para mim, guiando meus passos acadêmicos com carinho e zelo. Agradeço pelas inúmeras aprendizagens (acadêmicas e não acadêmicas) que caem nas provas e também na vida, e por tornar meus estudos tão divertidos.

Por final, aos meus queridos colegas do grupo METAFOLIA, especialmente à Laura, à Nichele e ao Sergio, que há tanto tempo vêm sendo meus companheiros de pesquisa. Sou muito grata por termos compartilhado tantos momentos bons, e por tudo que já aprendemos juntos.

“Would you tell me, please, which way I ought to walk from here?”
“That depends a good deal on where you want to get to,” said the Cat.
“I don’t much care where——” said Alice.
“Then it doesn’t matter which way you walk,” said the Cat.
“——so long as I get somewhere,” Alice added as an explanation.
“Oh, you’re sure to do that,” said the Cat, “if you only walk long enough.”
(Lewis Carroll)

RESUMO

Este trabalho trata de uma análise sobre a compreensão de provérbios por crianças e adultos, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva. Provérbios são aqui definidos como expressões sentenciais não literais, normalmente fixas, que fazem parte do conhecimento cultural dos falantes, referindo-se a conhecimentos genéricos e ideias abstratas. A coleta de dados foi realizada com um grupo de crianças e outro de adultos, selecionados por conveniência. O grupo de adultos foi formado por 30 sujeitos maiores de 18 anos, enquanto o de crianças foi composto por 58 alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF), sendo essa amostra dividida em dois subgrupos. Um subgrupo foi formado por 33 alunos de 1º e 2º ano ($m=7,85$ anos, $dp=7,3$ meses), e o outro subgrupo por 25 alunos de 4º e 5º ano ($m=10,59$ anos, $dp=7,92$ meses). Seis provérbios considerados altamente familiares por adultos da mesma comunidade linguística foram apresentados em uma tarefa de compreensão. Junto a cada provérbio, duas questões eram feitas aos participantes, sendo uma aberta, sobre o significado do dito, e outra fechada, com somente duas possibilidades de resposta. Com base nas respostas dos participantes, uma análise de variância (ANOVA) de medidas repetidas foi operada, sendo complementada por um teste de Tukey. Foram analisados os próprios itens, os grupos de idade, o tipo da questão e as interações entre essas categorias. Conforme os resultados, grande parte das análises foram significativas ao nível de 5% de confiança ($p<0.05$), designando, assim, um efeito principal de idade, tipo de pergunta e item na capacidade de compreensão de provérbios dos grupos entrevistados. Quanto mais novo o participante, menores foram seus índices de compreensão dos itens.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Compreensão de Provérbios; Provérbios.

ABSTRACT

This study is an analysis of proverb comprehension, regarding children and adults, from the Cognitive Linguistics perspective. Proverbs are here defined as non-literal sentential expressions, usually fixed, part of the society's cultural knowledge and referring to generic truths and abstract ideas. The data were gathered from a group of children and a group of adults, selected by convenience. The group of adults consisted of 30 people over the age of 18, while the group of children consisted of 58 first, second, fourth and fifth graders of an Elementary School, divided into two subgroups. One of the subgroups was formed by 33 first and second graders, ($m=7,5$ years old, $sd=7,3$ months), while the other subgroup was formed by 25 students fourth and fifth graders ($m=10,59$ years old, $sd=7,92$ months). Six proverbs, which were considered highly familiar by adults from the same linguistic community, were presented in a comprehension task. Along with each proverb, two questions were made, being one open-ended, about the meaning of the saying, and another with only two possibilities of answers. Based on the answers given to the comprehension test, a repeated measure analysis of variance (ANOVA) was conducted, complemented by a Tukey test. The analyses were done based on the items, the age groups, the nature of the question and the interactions between these categories. According to the results, the analyses were mostly significant with a 5% confidence level ($p<0.05$), designating a main effect of age, nature of the questions and items in the proverb comprehension competence of the interviewed groups. The younger the participant, the lower his/her tendency to comprehend the items was.

Keywords: Cognitive Linguistics; Proverb comprehension; Proverbs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proporção de acertos por item e grupo de idade	28
Figura 2 – Proporção de acertos por tipo de pergunta e grupo de idade.....	30
Figura 3 – Proporção de acertos por tipo de pergunta e item	31
Figura 4 – Interação entre grupos de idade, tipos de pergunta e itens	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Provérbios selecionados para o Instrumento de Compreensão de Provérbios	23
Tabela 2 – Item de treino e exemplo de itens de teste	23
Tabela 3 – Resultados da análise de variância (ANOVA).....	26
Tabela 4 – Porcentagem de respostas 4 e 5 para os itens na tarefa de familiaridade..	36
Tabela 5 – Média de respostas esperadas para cada item	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	11
2.1	Linguagem Figurada	11
2.1.1	<i>Provérbios</i>	13
3	MÉTODO	20
3.1	Participantes	20
3.2	Instrumento	21
3.3	Procedimentos	24
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
	APÊNDICE A	45
	APÊNDICE B	46
	APÊNDICE C	47
	APÊNDICE D	49
	APÊNDICE E	50
	ANEXO A	51
	ANEXO B	52

1 INTRODUÇÃO

Ao estudar a linguagem de modo mais profundo, quebra-se um grande mito: ela não é tão literal. As figuras de linguagem são fenômenos linguísticos e do pensamento a favor da praticidade e da economia do discurso. Não é por acaso que o estudo da linguagem figurada se faz necessário quando se lida com a comunicação. Não somente falamos e pensamos em linguagem figurada, mas também vivemos sob a perspectiva da mesma, refletindo nela as práticas sociais do cotidiano. Assim, com este pensamento por base, se desenvolve a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, adotada neste trabalho, que incorpora às reflexões linguísticas questões relativas às experiências corpóreas. Sendo assim, através da Linguística Cognitiva, as figuras de linguagem passam a ser estudadas como fenômenos não só linguísticos, mas também corporificados, cognitivos e culturais. Com isso, percebe-se que a linguagem é, em grande parte, um reflexo de experiências no mundo, compreendendo, também, valores e princípios da sociedade em que o falante está inserido.

Quanto aos fenômenos de linguagem figurada, são os provérbios os que mais evidenciam, através da linguagem, as normas sociais e os valores culturais de um povo. Estes podem ser definidos como pequenas sentenças que expressam verdades bem conhecidas, interligando características culturais e morais de uma sociedade (GIBBS, 1994, p. 309). Não são poucas as situações em que essa troca de experiências culturais acontece entre falantes que compartilham as mesmas vivências, sendo, através destas experiências, capazes de entender o dito. Assim, devido à sua alta frequência nas trocas conversacionais cotidianas, os provérbios passam a ser moldadores da linguagem e do pensamento, revelando muito sobre a personalidade e o comportamento humano.

Há algum tempo, sob esta premissa, pesquisadores de diferentes áreas (particularmente da psicologia e da linguística) vêm estudando a aquisição tanto de provérbios, quanto de demais fenômenos de linguagem figurada. Dentre as pesquisas existentes, há um consenso sobre o fato de que os fenômenos da linguagem figurada são gradualmente adquiridos. Contudo, ainda não há um acordo sobre as idades em que se adquirem os diferentes fenômenos. Sabendo que provérbios exigem práticas sociais para serem compreendidos, não se sabe a idade precisa em que uma criança já carrega

conhecimentos de mundo suficientes para tal. Assim sendo, o desenvolvimento de um teste de compreensão de provérbios abrangente possibilita que estes dados sejam levantados através da aplicação desse teste em diferentes faixas etárias, escolaridades e comorbidades.

Para desenvolver e validar tal teste, optou-se por buscar uma intersecção entre o experiencialismo, apontado pela base teórica da Linguística Cognitiva, e os métodos Psicolinguísticos, que poderão evidenciar conexões entre a linguagem e a cognição. Portanto, contribuindo para as pesquisas de aquisição de linguagem figurada, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar o desempenho de crianças de séries iniciais do Ensino Fundamental ao compreender provérbios, em comparação ao de adultos.

O teste de compreensão de provérbios aqui tratado faz parte de um teste maior de compreensão de linguagem figurada (COMFIGURA), que abrange os fenômenos de metáforas, metonímias, provérbios, expressões idiomáticas e ironias e está em fase final de desenvolvimento pelo grupo METAFOLIA, coordenado pela pesquisadora Maity Siqueira. O teste de compreensão de metáforas primárias, já validado (SIQUEIRA, 2004), indica que crianças brasileiras e norte-americanas, a partir dos 7 anos, apresentavam o mesmo desempenho de adultos, mostrando que esta faixa etária já tem um entendimento bastante abrangente do fenômeno. Porém, tendo em vista que provérbios apresentam maior nível de complexidade (GIBBS; BEITEL, 1995), acredita-se que o mesmo resultado não será encontrado. Enquanto metáforas primárias são universais e experienciais, hipotetiza-se que a compreensão de provérbios seja uma habilidade dependente, principalmente de idade e do tipo de pergunta utilizado no instrumento. Assim, tem-se a compreensão do fenômeno funcionando como o dito *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*: um item se torna bem compreendido gradualmente, de acordo com sua familiaridade e com o conhecimento cultural e moral do falante em sua comunidade linguística.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Considerando os objetivos deste trabalho, os pressupostos teóricos aqui utilizados serão apresentados em uma seção. Essa traz o tema da Linguagem Figurada como elemento central, discutindo sua importância no cotidiano, bem como uma das abordagens utilizadas em seus estudos. Dentro dessa seção, a subseção de provérbios é abordada, tratando de características e particularidades do fenômeno central deste estudo, junto a algumas de suas aplicações.

2.1 Linguagem Figurada

São diversas as situações em que metáforas, metonímias, expressões idiomáticas, provérbios, ironias, entre outros tantos fenômenos são utilizados em diferentes tipos de discurso. Dizer que *alguém é um cavalo*, ou que *filho de peixe, peixinho é* são exemplos de usos de expressões figuradas no dia-a-dia. Porém, a noção de linguagem figurada como parte do discurso cotidiano é bastante atual. Tradicionalmente, a linguagem figurada era tratada como um recurso estilístico, poético e retórico. Somente por volta dos anos 80, através da perspectiva da Linguística Cognitiva, é que a linguagem figurada passou a ser estudada e analisada como um fenômeno organizador de nossas ações e pensamentos.

A Linguística Cognitiva é uma abordagem experiencialista, que trata da relação entre a linguagem humana e outras capacidades cognitivas. Sob esta abordagem, Lakoff e Johnson (1980) são grandes inovadores na pesquisa da linguagem figurada. Mais especificamente, os autores tratam da metáfora como um elemento central para a conceitualização de ideias abstratas, criando a Teoria da Metáfora Conceitual. Para esta teoria, a metáfora não é somente um fenômeno linguístico, mas também cognitivo, sendo parte do sistema conceitual do ser humano. Sendo assim, a metáfora trata da compreensão de um domínio conceitual em termos de outro. Ao dizer que *alguém é um cavalo*, por exemplo, temos, por detrás da atualização linguística, a metáfora conceitual PESSOAS SÃO ANIMAIS, tendo o domínio *PESSOAS* compreendido em termos do domínio *ANIMAIS*. O mesmo ocorre ao dizer que *o clima da aula foi pesado*.

Literalmente, não é possível que o clima de algo seja pesado, mas difícil. Com isso, por detrás da atualização linguística, temos a metáfora conceitual DIFICULDADE É PESO, expressando um conhecimento experiencial físico do falante.

Portanto, percebemos que as metáforas são capazes de refletir conhecimentos, sendo estes mais culturais, como é o caso de PESSOAS SÃO ANIMAIS, ou mais potencialmente universais e adquiridos através da experiência corpórea do falante no mundo, como em DIFICULDADE É PESO. Neste caso, estas que refletem algo experiencial físico e potencialmente universal são chamadas de Metáforas Primárias, existentes em diferentes línguas, independentemente da cultura (GRADY, 1997). Se pensarmos em DIFICULDADE É PESO, por exemplo, é natural que qualquer um de nós sinta mais dificuldade em levantar uma caixa de dez quilos do que uma de dois quilos. Assim, esta experiência se torna tão básica em nosso cotidiano, que passa a ser também uma forma de conceitualização do pensamento. Conceitos mais abstratos como aulas, dias e até mesmo encontros entre pessoas, passam a ser descritos como *pesados*, embora literalmente não contenham um peso. O que a Teoria da Metáfora Primária indica, portanto, é que nossa forma de analisar o mundo se molda a partir dessas experiências básicas, tendo reflexos não só em nosso sistema cognitivo, mas também no linguístico.

Mesmo assim, existem também metáforas conceituais com menos potencial para universalidade, sendo mais ou menos utilizadas em determinados contextos. A sentença *ele me colocou para escanteio*, que atualiza a metáfora conceitual A VIDA É UM JOGO DE FUTEBOL, só é interpretada corretamente quando o interlocutor compreende o conceito do escanteio em um jogo de futebol. O significado da expressão, portanto, depende do contexto sociocultural do falante. Diante disso, surge outra colocação da Linguística Cognitiva: devemos considerar a existência de um contínuum na linguagem figurada, que se move desde uma expressão com grande potencial para universalidade até outra mais regional, dependente de cultura.

Neste caso, esse contínuum não se restringe somente às metáforas, mas também a outros fenômenos de linguagem figurada, como expressões idiomáticas e provérbios, extremamente dependentes de contexto sociocultural; e metonímias, sendo estas mais universais. Isso ocorre pois, tendo a metáfora como um fenômeno central na linguagem

figurada, todas as demais figuras mencionadas são influenciadas ou relacionadas a ela. A metonímia, por exemplo, é tratada de forma bastante semelhante à metáfora, diferenciando-se pela restrição do mapeamento a um só domínio (RUIZ, 1999); expressões idiomáticas e provérbios são constituídos, muitas vezes, por mapeamentos metafóricos subjacentes, como é o caso de REAÇÕES SÃO FENÔMENOS DA NATUREZA na expressão idiomática *fazer tempestade em copo d'água* e PESSOAS SÃO ANIMAIS no provérbio *filho de peixe, peixinho é*. Por fim, a relação de maior importância entre todos os fenômenos aqui mencionados é o fato de que, para um entendimento mais abrangente sobre cada fenômeno, e também sobre o conjunto “linguagem figurada”, os mesmos devem ser analisados de modo interdependente, afinal, um fenômeno sempre pode ser influenciado ou mesclado a outro (SIQUEIRA et al., 2017).

2.1.1 *Provérbios*

Quantas vezes dizemos *antes só do que mal acompanhado* a um amigo enfrentando problemas de relacionamento, ou *devagar se vai ao longe* para outro que está se apressando demais sem a devida necessidade? São inúmeras as oportunidades de uso de provérbios como esses no cotidiano. Sendo um fenômeno de linguagem figurada muito frequente, a sua compreensão se torna indispensável na comunicação diária, assim como as pesquisas teórico-científicas sobre o assunto.

Tradicionalmente, conforme Nippold, Allen e Kirsch (2000), provérbios eram analisados como sentenças não literais, com propósitos retóricos, estéticos e literários. Sendo assim, para estudos tradicionais, o primeiro passo necessário para que um falante reconhecesse um provérbio seria a apreensão do seu significado literal. Para tal metodologia, o significado figurado deveria ser encontrado a partir do significado literal da sentença, somente quando o literal não fosse significativo para a frase. Caso o significado literal se encaixasse na sentença, não seria necessária a análise de um possível significado figurado, pois este não seria relevante. Através da Linguística Cognitiva, essa visão de provérbios tem sido desconstruída. Lakoff e Johnson (1980) defendem que a linguagem figurada é uma das formas de organização do pensamento,

derrubando, então, a ideia de que primeiro se deveria analisar o significado literal de uma sentença proverbial, para então atingir o significado figurado. Desta maneira, o falante utiliza sua interpretação do contexto para processar o significado da expressão, sendo ela literal ou figurada.

Sob esta perspectiva, Gibbs e Beitel (1995) definem provérbios como expressões sentenciais não literais, normalmente fixas que fazem parte do conhecimento cultural dos falantes, referindo-se a conhecimentos genéricos e ideias abstratas. Já Duthie et al. (2008) definem provérbios como “[...] compactos, rápidos e fáceis de serem memorizados, veiculando crenças, normas sociais ou preocupações morais de uma sociedade”, gerando atrelamento de interpretação social às sentenças. Portanto, provérbios tratam de sentenças curtas utilizadas para representar um conhecimento culturalmente significativo, tendo a comunicação através dos mesmos com base na não literalidade da sentença. Sendo assim, provérbios são um fenômeno linguístico, cognitivo e cultural que depende fortemente do contexto sociocultural de uso e expressa uma moral para determinado grupo social.

Ao tratar de estrutura, Gibbs e Beitel (1995) indicam que provérbios possuem certas características costumeiras, como métrica, rima, *slant rhyme*¹, aliteração, assonância, personificação, paradoxo e paralelismo. Por exemplo, no provérbio *Onde há fumaça, há fogo*, ocorre aliteração, com a repetição do fonema /f/ após o verbo “haver” e paralelismo no encadeamento de orações sintaticamente semelhantes. Além disso, muitos provérbios apresentam estruturas sintáticas análogas, como “Quem não X, não Y”, observada em ditos como *Quem não chora, não mama* e *Quem não arrisca, não petisca*. Estas características auxiliam, de certa forma, no reconhecimento de um provérbio como tal, diferenciando-o de outros ditos, como expressões idiomáticas. Através do auxílio dado por esses traços, é possível que, em alguns casos, uma sentença desconhecida possa ser reconhecida como um provérbio, mesmo que não seja compreendida (visto que uma das características necessárias para a compreensão de um provérbio é a familiaridade do falante com o ditado).

¹ Rimas em que as vogais ou consoantes de sílabas tônicas são idênticas, como ocorre no provérbio *a stitch in time saves nine*.

Ainda sobre a compreensão de provérbios, Lakoff e Turner (1989) os analisam através de uma grande metáfora conceitual que, supostamente, se aplica a todos: GENÉRICO É ESPECÍFICO. Com ela, é possível que um dito como *É melhor um pássaro na mão do que dois voando* não seja aplicado somente aos pássaros, assumindo contextos mais genéricos de uso através de sua não literalidade. Através dessa metáfora conceitual, uma situação bastante específica, como os pássaros apresentados no exemplo, passa a ser abstraída para algo mais genérico, utilizado em diferentes contextos. Tem-se, portanto, na metáfora GENÉRICO É ESPECÍFICO, um princípio de significação que rege todos os provérbios, gerando, junto a outros mapeamentos, os significados destes ditos populares. Conforme Gibbs e Beitel (1995, p. 135), a especificidade de usos dos provérbios se constrói através da formação desses significados, que se tornam reflexões sobre verdades humanas a partir do contexto em que são aplicados. Logo, as pessoas tendem a utilizá-los sobre suas experiências, conceitualizando-as através desses ditados populares. Assim, os provérbios passam a ilustrar uma gama de experiências individuais e sociais através das metáforas que estão neles contidas.

Além das características estruturais dos provérbios, Gibbs e Beitel (1995) apontam, também, que é comum a subjacência de metáforas conceituais em provérbios, como mencionado anteriormente. Sendo assim, já que muitos deles carregam metáforas conceituais subjacentes, acredita-se que os provérbios também apresentam certo potencial para a universalidade, embora possam se apresentar de formas diferentes em línguas diversas, assim como as metáforas. Para os autores, a Teoria da Metáfora Conceitual permite conceber que muitos provérbios surgem de metáforas conceituais, bem como são entendidos através das mesmas.

Sucessivamente, Gibbs (2004) mostra que é essa relação entre provérbios e metáforas que permite que os provérbios sejam tão bem compreendidos fora de contexto, sendo um falante capaz de o compreender isoladamente, lendo uma simples lista de provérbios comuns em sua língua. Neste caso, o autor indica que, considerando os mapeamentos metafóricos subjacentes aos provérbios, todo o provérbio apresenta uma questão sobre a natureza e o comportamento humano em foco, explicando, assim, a amplitude de aplicações de um mesmo provérbio. Por exemplo, ao pensar em

provérbios equivalentes em línguas diferentes, como português e inglês, há diversos exemplos de ditos que seguem a mesma metáfora conceitual. Em português, dizemos *Quando os gatos saem, os ratos fazem a festa*, enquanto em inglês dizemos *When the cat's away, the mice will play*², o que simboliza que na ausência de pessoas de maior autoridade, os demais se comportarão conforme seus próprios desejos. O mesmo ocorre no provérbio *À noite todos os gatos são pardos*, utilizado em inglês como *All cats are gray in the dark*³, tratando da igualdade existente entre todos no escuro. Tendo uma versão diferente nas duas línguas, temos o provérbio *Um dia é da caça, o outro do caçador*, representado em inglês como *Every dog has its day*⁴; mesmo que a atualização linguística dos ditos não seja semelhante, ambos possuem a mesma moral em simbolizar que todos terão sucesso em algum momento na vida. Percebemos, com isso, que todos os provérbios exemplificados têm seus significados graças à metáfora conceitual PESSOAS SÃO ANIMAIS/PRESAS, sendo utilizados, geralmente, para falar de pessoas e seus comportamentos, em termos de animais.

Explorando ainda mais a natureza universal dos fenômenos, Grady (1997), em sua tese, propõe a Teoria das Metáforas Primárias, sendo estas metáforas bastante experienciais, independentes de cultura. Neste caso, a Teoria das Metáforas Primárias corrobora a hipótese de que alguns provérbios seriam comuns em diferentes línguas, mesmo sendo atualizados linguisticamente de diferentes formas. Desse modo, se percebe que os mapeamentos metafóricos podem realmente facilitar a compreensão dos provérbios, utilizando um estado geralmente mais concreto e físico no mundo para tratar de algo mais abstrato e genérico, como ações e pensamentos humanos. Por exemplo, na atualização linguística *Tirei um peso das minhas costas*, é instanciada a metáfora conceitual primária DIFICULDADE É PESO, que reflete um conhecimento físico vivenciado pelos falantes.

Muitos estudos já foram realizados abrangendo a coocorrência de provérbios com outras figuras de linguagem, como mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes aos provérbios (SIQUEIRA et al., 2017). Em alguns casos, tais mapeamentos metafóricos e/ou metonímicos são os responsáveis por expressar os

² Quando o gato está longe, os ratos vão brincar. (Tradução nossa)

³ Todos os gatos são cinzentos no escuro. (Tradução nossa)

⁴ Todo cachorro tem o seu dia. (Tradução nossa)

valores culturais do provérbio, de acordo com a perspectiva da sociedade que o utiliza. Animais, cores e alimentos foram os elementos culturais metaforicamente mapeados em provérbios encontrados nas pesquisas. Muhammad e Rashid (2014), Moreno (2005), Liu (2013) e Kobia (2016) são estudos em diferentes línguas (malaio, espanhol, chinês e inglês e suaíli, respectivamente), apresentando provérbios com mapeamentos que englobam animais. Aliakbari e Khosravian (2013) apresentam uma análise de cores em provérbios na língua persa. Por fim, Lu (2012) e Faycel (2012) tratam de provérbios com mapeamentos que envolvem alimentos, sendo o primeiro nas línguas inglesa, taiwanesa e japonesa, e o segundo em árabe. Em língua portuguesa, somente um estudo foi encontrado, sendo este comparativo entre provérbios chineses e relativos ao português europeu (MENGRU, 2012). Dentre os estudos encontrados, somente um relativo ao português brasileiro foi encontrado (SIQUEIRA et al., 2017), que trata dos mapeamentos metafóricos e metonímicos identificados nos seis itens que compõem o Instrumento de Compreensão de Provérbios.

Assim como a mescla entre figuras de linguagem, a aquisição de provérbios também é bastante estudada na linguística, já que revela aspectos importantes sobre a natureza do fenômeno e seus estágios de compreensão e produção. Nesses estudos, os aspectos culturais deixam de ser abordados como fatores essenciais, abrindo espaço para uma análise mais voltada à linguagem, como comparações entre compreensão e variáveis como idade e familiaridade. Em inglês, Nippold e Haq (1996) e Nippold et al. (1998) analisam a compreensão de provérbios por participantes em idade escolar, falantes nativos de língua inglesa, com diferentes graus de familiaridade e concretude. Ambos os estudos revelam efeito principal de idade nos seus resultados: a performance dos participantes melhorava de acordo com o aumento da idade. Nippold e Haq (1996) ainda especificam que crianças de idade entre 10 e 14 anos tendem a apresentar um aumento bastante significativo em seu desempenho, tendo resultados mais estáveis a partir dos 14 anos. Yoon, Schwarz e Nippold (2016), por sua vez, examinam a compreensão de provérbios nas línguas inglesa e coreana, comparando o desempenho dos participantes nas duas línguas. Já Buljan e Gradečak-Erdeljić (2013) utilizam provérbios que expressam emoções em língua inglesa e croata, de forma contrastiva, contextualizando possíveis dicotomias entre aspectos universais e particulares de um provérbio. Ou seja, partem da importância do aspecto cultural de um provérbio para sua

melhor compreensão. Dentre os estudos encontrados, apenas Duthie et al. (2008) faz uma análise semelhante à tratada neste trabalho de conclusão de curso. Nesse estudo, os autores dividiram sua amostra em três grupos etários - crianças, adolescentes e adultos -, comparando o desempenho dos participantes entre as faixas etárias. No entanto, o estudo se diferencia do nosso por tratar da compreensão de provérbios através de esquemas de imagem, com falantes de língua inglesa. Nos resultados, os autores perceberam que crianças e adolescentes apresentam o mesmo desempenho de adultos em relação à produção de imagens mentais de provérbios mais concretos. Quanto aos próprios provérbios, percebeu-se que a interpretação dos menos transparentes melhora com a idade.

Em língua portuguesa, encontrou-se somente um estudo sobre compreensão de provérbios em língua materna (SILVA E LEMÔNACO, 1995). Este desenvolve um teste psicológico para avaliar pensamentos concretos e abstratos na interpretação de provérbios. Porém, é um estudo que não analisa diferentes faixas etárias, assim como este trabalho, nem segue a mesma base teórica selecionada para a tarefa de provérbios do Teste de Compreensão de Linguagem Figurada (COMFIGURA) e para a análise aqui realizada.

Como visto, os provérbios vêm sendo amplamente estudados na linguística. Além da linguística, o fenômeno também desperta interesse de estudo, há muitas décadas, na psicologia. Nessa área, obviamente, o interesse principal não é o fenômeno em si, mas sua aplicação na pesquisa e na prática clínica. Conforme indicado pela literatura, são diversos os casos clínicos que apresentam dificuldades para assimilar e utilizar os fenômenos da linguagem figurada, especialmente provérbios, que tratam de frases fixas não literais. Portanto, há uma tradição na área em estudar a compreensão dos provérbios em quadros clínicos, através das particularidades apresentadas pelos participantes.

Considerando casos clínicos, foram encontrados testes em diferentes línguas, com predominância da língua inglesa. Em inglês, foi estudada a compreensão de provérbios nas seguintes condições: agenesia do corpo caloso (PAUL et al., 2003), esquizofrenia (SPONHEIM et al., 2003), traumatismo craniano (MORAN, NIPPOLD e GILTON, 2006) e Síndrome de Asperger (MCCRIMMON et al., 2012). Encontrou-

se, também, um teste em polonês, tratando de sujeitos afásicos (ULATOWSKA et al., 2000), analisando o modo pelo qual afásicos compreendem provérbios e os mecanismos metafóricos presentes neste processamento. Em alemão, foi verificada a relação entre a compreensão de provérbios e outros domínios cognitivos, como a Teoria da Mente, em participantes esquizofrênicos (BRÜNE e BODENSTEIN, 2005). Também em alemão, Thoma et al. (2009) analisaram o entendimento de provérbios relacionado a outras funções cognitivas, como memória de trabalho e atenção compartilhada, em três diferentes grupos: esquizofrênicos, portadores de alcoolismo e controle. Em língua portuguesa, Cazelato (2003, 2008) estudou a compreensão de provérbios e enunciados equivalentes por sujeitos afásicos, sob a perspectiva enunciativa, e Santos (2009) e Sé (2011) analisaram a compreensão do fenômeno por sujeitos portadores de Alzheimer. Santos (2009) utiliza um jogo de memória de provérbios para que os pacientes os interpretem, enquanto Sé (2011) questiona o significado e uma situação de uso do provérbio ao sujeito.

Como demonstrado nessa seção, são diversos os estudos que têm nos provérbios seu interesse central, englobando compreensão e aplicação do fenômeno através de diversas abordagens. Entretanto, há uma escassez de análises sobre a compreensão dos provérbios em língua portuguesa. Assim, este trabalho de conclusão vem ao encontro dos demais já realizados, em busca de complementar as análises já existentes, e também de fortalecer a pesquisa nessa área em língua portuguesa.

3 MÉTODO

De acordo com os objetivos deste trabalho, os procedimentos metodológicos foram divididos em três seções: Participantes, Instrumento e Procedimentos. A seção de Participantes trata de detalhes demográficos sobre a amostra selecionada, bem como do processo de seleção desta amostra. A segunda seção apresenta o instrumento utilizado durante a coleta de dados, desde sua construção até a aplicação. A terceira seção retrata a forma utilizada para a coleta de dados, englobando o acolhimento do participante, o processo de coleta e sua conclusão.

3.1 Participantes

A amostra aqui selecionada é constituída por três grupos etários. Foram entrevistadas 58 crianças, entre 6,8 e 11,9 anos, ($m=9,03$ anos, $dp=1,5$ anos) e 30 adultos, entre 18 e 56 anos, ($m=30,2$ anos, $dp=11,71$ anos), selecionados por conveniência. O grupo de crianças foi composto por 58 alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) de uma escola privada de Porto Alegre, dividido em dois subgrupos. Um subgrupo foi formado por 33 alunos de 1º e 2º ano ($m=7,85$ anos, $dp=7,3$ meses), e o outro subgrupo por 25 alunos de 4º e 5º ano ($m=10,59$ anos, $dp=7,92$ meses). Tendo em vista as médias de idade destes subgrupos, percebem-se 2,7 anos de diferença, o que pode apontar para uma evolução significativa de compreensão de linguagem figurada.

O grupo de adultos compreendeu 30 sujeitos, ($m=30,2$ anos, $dp=11,71$ anos), sendo estes alunos de Ensino Médio e do curso de Aproveitamento de Estudos – Magistério, e funcionários de uma escola pública do interior do Rio Grande do Sul, localizada na cidade de Barão.

Como critério de inclusão em ambos os grupos, determinou-se a necessidade de ser falante nativo de português brasileiro. Já como critério de exclusão, controlou-se a presença de alterações sensoriais, quadros clínicos e comorbidades.

3.2 Instrumento

Para o desenvolvimento da tarefa de compreensão de provérbios, sendo esta integrante do COMFIGURA, foram utilizados os pressupostos da Psicometria, área específica para a padronização de testes psicológicos. Conforme Urbina (2007, p.12), a Psicometria oferece uma forma justa de mensuração dos resultados, já que preza pela uniformização dos testes psicológicos. Assim, com todas as variáveis avaliadas padronizadas, permite-se que todos os participantes respondam ao teste da mesma maneira, gerando resultados mais precisos, válidos e fidedignos.

Por esta perspectiva, foram utilizados os procedimentos indicados por Pasquali (2010) na construção do instrumento: procedimentos teóricos, procedimentos empíricos ou experimentais e procedimentos analíticos ou estatísticos. Os procedimentos teóricos compreendem a revisão teórica sobre o modelo selecionado e a construção do instrumento, até a aplicação do instrumento piloto. Esses procedimentos serão descritos a seguir, já que foram previamente desenvolvidos para a construção do instrumento de compreensão de provérbios. Os procedimentos empíricos tratam, junto aos analíticos, da validação do instrumento, compreendendo aplicação, coleta e análise dos dados. Por final, tem-se os procedimentos analíticos que, além de compreenderem as etapas estatísticas finais do processo de validação, tratam também da normatização do instrumento, resultando em um teste pronto para uso em pesquisas. Quanto a esse instrumento, as duas últimas etapas serão desenvolvidas futuramente, resultado na validação e na normatização da tarefa.

O primeiro passo realizado na construção do instrumento foi definir a Linguística Cognitiva como apoio teórico e selecionar a linguagem figurada como objeto psicológico e o fenômeno da compreensão de provérbios como atributo do objeto. A princípio, foram selecionados diversos provérbios frequentes na língua portuguesa, através de um *brainstorming* e de uma busca em plataformas digitais, pelo grupo de pesquisa METAFOLIA – Estudos em Semântica Cognitiva, coordenado pela pesquisadora Maity Siqueira. Sob este viés, foram acentuadas a dimensionalidade e as definições do atributo, sendo estas as responsáveis por determinar as especificidades do construto medido, padronizando o teste. (i) Familiaridade, (ii) estrutura sintática, (iii)

concretude dos itens lexicais e (iv) complexidade semântica foram as principais dimensões acentuadas para este instrumento, responsáveis pela seleção dos itens definitivos a compor o teste.

Medir a familiaridade dos itens que farão parte de um construto é um passo importantíssimo a ser dado na construção de testes de linguagem, afinal, o que é comum para um grupo pode não ser para outro. Para isso, foi desenvolvida uma tarefa de familiaridade e uma de compreensão com os dez provérbios mais populares na pesquisa realizada pelo grupo METAFOLIA. A tarefa de familiaridade compreendia uma escala Likert que continha os dez provérbios, seguidos por cinco opções de escolha, que iam do 1 (nada familiar) ao 5 (totalmente familiar). A tarefa de compreensão pedia que o participante descrevesse o significado de cada provérbio. Tais tarefas foram realizadas por 204 participantes adultos, da região metropolitana de Porto Alegre. Dessa forma, foram verificados os itens mais familiares entre os dez selecionados, providenciando ao teste provérbios altamente familiares e bem compreendidos pela comunidade linguística entrevistada. Além disso, as respostas dadas no teste de compreensão foram utilizadas para a criação de critérios de correção de respostas, já que certas respostas foram muito frequentes nesta etapa.

Quanto à estrutura sintática, é necessário que as sentenças sigam certos padrões, como estrutura simplificada e tamanho controlado, em razão de o teste atingir futuramente diferentes faixas etárias e grupos clínicos, e também por questões de memória dos participantes. Por exemplo, o provérbio *mais vale um pássaro na mão do que dois voando* apresentou alta familiaridade para a amostra entrevistada, mas sua extensão é muito maior do que os demais provérbios altamente familiares, resultando em seu descarte dos itens do teste.

As duas últimas dimensões, concretude e complexidade semântica, seguem a mesma premissa no teste. É necessário que os itens apresentem vocabulário pouco abstrato devido à dificuldade que alguns participantes de casos clínicos, ou crianças pequenas, podem apresentar quanto a isso. O mesmo acontece com a complexidade semântica dos itens. Palavras mais difíceis correm o risco de serem menos entendidas por crianças ou grupos clínicos, como *entendedor* no provérbio *para bom entendedor, meia palavra basta*. Além disso, as características de provérbios mencionadas por

Gibbs e Beitel (1995) - métrica, rima, *slant rhyme*, aliteração, assonância, personificação, paradoxo e paralelismo - também foram listadas nos dez provérbios iniciais, verificando se havia algum padrão existente entre os provérbios e complementando os resultados do teste de familiaridade. Dado isso, ocorreu a seleção dos seis provérbios que comporiam o instrumento, disponíveis na tabela a seguir.

Tabela 1 – Provérbios selecionados para o Instrumento de Compreensão de Provérbios

1. Em boca fechada não entra mosca.
2. Filho de peixe, peixinho é.
3. Quem vê cara não vê coração.
4. Onde há fumaça, há fogo.
5. Quem não chora não mama.
6. Cachorro que late não morde ⁵ .

Fonte: Elaborado pela autora

A partir destas dimensões, a versão piloto do teste foi construída com seis itens, compostos por um provérbio, uma pergunta aberta (questionando o significado do provérbio) e outra fechada (que oferecia duas opções de escolha). Além dos seis itens, também se considerou importante incluir um item de treino, a ser aplicado antes dos itens do teste (exemplificados na Tabela 2). Assim, o participante tem a oportunidade de compreender melhor o que será perguntado durante a testagem.

Tabela 2 – Item de treino e exemplo de itens de teste

Item de treino A mentira tem perna curta.	a) O que isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que uma mentira demora ou não demora para ser descoberta?
Item de teste Em boca fechada, não entra mosca.	a) O que isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que é melhor falar ou ficar quieto?

Fonte: COMFIGURA – Teste de Compreensão de Linguagem Figurada, desenvolvido pelo grupo de pesquisa METAFOLIA

O teste piloto foi aplicado para cerca de 130 participantes da região de Porto Alegre. Durante essa aplicação, foram constatados certos detalhes que precisavam de melhorias e alterações. Melhoraram-se as instruções da aplicação, esclarecendo certas

⁵ Conforme indicado por Siqueira et al. (p. 169, 2017), mesmo que este provérbio também seja popular com a variação “Cão que ladra não morde”, a sentença com a palavra “late” foi utilizada por ser, hipoteticamente, mais conhecida entre crianças.

dúvidas frequentemente apresentadas pelos participantes, e os critérios de correção (elaborados durante o teste de familiaridade e compreensão), abrangendo novas respostas esperadas de acordo com as etapas do estudo piloto. Através dessas alterações, considerou-se encerrada a etapa dos procedimentos teóricos, resultando no Instrumento de Compreensão de Provérbios.

3.3 Procedimentos

Seguindo a organização de etapas de uma pesquisa formulada por Pasquali (2010), após os procedimentos teóricos da construção de um instrumento, deve-se iniciar os procedimentos empíricos, ou seja, a aplicação do instrumento já calibrado através do piloto. Para isso, o primeiro passo tomado foi contatar as instituições para a seleção dos participantes e a realização da entrevista, sob o aval do projeto de pesquisa aprovado no Comitê de Ética da UFRGS (Parecer: nº 2.469.701, 18/01/2018). Para que a entrevista se concretizasse, todos os participantes receberam, antes da entrevista, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (disponível no Anexo A), explicando os objetivos da pesquisa e o método da entrevista. Em caso de crianças, o TCLE foi entregue previamente aos responsáveis legais. Por sua vez, as crianças preencheram, momentos antes da entrevista, um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (disponível no Anexo B).

Tendo os termos devidamente preenchidos, foram iniciados os procedimentos da coleta de dados propriamente dita. Cada participante foi entrevistado individualmente, de forma oral, tendo suas respostas registradas pela entrevistadora. A entrevista foi iniciada através de um breve enunciado explicativo sobre a natureza, a aplicação e os objetivos da tarefa a ser feita. Foi explicado, também, que mais de uma pergunta poderia ser feita para o mesmo provérbio, que não havia uma resposta correta e que os itens não possuíam relação entre si. Ao iniciar a aplicação do instrumento, o participante respondia um item de treino para, posteriormente, responder os seis itens do teste (conforme Tabela 2). O tempo de participação na pesquisa totalizou em cerca de 10 minutos por participante, considerando o acolhimento, a orientação, a aplicação

do instrumento, dúvidas e encerramento. Não houve riscos à integridade física dos participantes. Se requisitado, combinava-se uma forma de devolução dos resultados individuais, sendo também assegurado o direito à desistência em qualquer etapa da aplicação.

Para efetuar a etapa de correção das respostas, foram utilizados os critérios elaborados por meio das respostas dadas na aplicação do instrumento piloto. As respostas foram corrigidas de modo binário, sendo a pontuação 1 concedida para respostas esperadas, e 0 para respostas incorretas em cada uma das perguntas (aberta e fechada). Foram consideradas respostas esperadas as que demonstravam que o participante compreendia que o provérbio não se prendia na literalidade da sentença, e que o mesmo poderia ser aplicado em diversos contextos. Foram consideradas respostas incorretas as que não saíam da interpretação literal, ou os casos em que o participante não demonstrava conhecimento sobre o provérbio. Muitos participantes apresentaram respostas um tanto metafóricas, sendo estas consideradas casos limítrofes. Nessas situações, ainda durante a aplicação, a pesquisadora perguntava por mais informações sobre a resposta, buscando esclarecer o entendimento do participante. Mesmo assim, se houvesse dúvidas no momento da correção, os casos limítrofes eram debatidos pelo grupo de pesquisa, para serem corrigidos de acordo com o parecer do grupo.

Todos os dados foram armazenados individualmente, com a identificação dos participantes organizada e codificada numericamente, a fim de manter o anonimato dos mesmos. Conforme descrito no TCLE, somente as pesquisadoras têm acesso à codificação número-participante. Os dados também foram tabulados e armazenados no computador da pesquisadora, para então realizar as análises necessárias.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados foram analisados através da linguagem R, versão 3.5.0, utilizando a interface RStudio. Com o objetivo de comparar o desempenho entre os três grupos de idade nos seis itens, bem como o desempenho nas questões abertas e fechadas, foi necessário o desenvolvimento de uma análise de variância (ANOVA) de medidas repetidas. A ANOVA foi complementada pelo Teste Tukey, responsável por encontrar as diferenças apontadas nos grupos. Para isso, foram utilizados os seguintes pacotes na interface RStudio: *readxl*, para a leitura dos dados tabulados; *car*, para gerar os testes de ANOVA; *multcomp*, para as inferências em modelos paramétricos gerais; *nlme*, para comparar modelos de efeito misto lineares e não lineares; *lsmeans*, para fazer a comparação entre os grupos e *dplyr*, para a manipulação dos dados.

Desse modo, os dados coletados com o instrumento contaram com análises entre os itens, os grupos de idade, o tipo da questão e interações entre essas variáveis. Conforme os resultados, disponíveis na Tabela 3, todos os efeitos foram significativos ao nível de 95% de confiança ($p < 0.05$), apontando, assim, um efeito principal de idade e de tipo de pergunta (aberta e fechada) na compreensão de provérbios, como era esperado. Além disso, o efeito das interações também foi significativo. É interessante notar, também, que a análise aponta para diferença significativa entre os itens, indicando que o grau de dificuldade desses é diferente para o mesmo participante.

Tabela 3 – Resultados da análise de variância (ANOVA)

Efeito	Graus de liberdade	Estatística F	Valor p
Item	5	20.2197	<.0001
Tipo de pergunta	1	390.272	<.0001
Grupo de idade	2	115.685	<.0001
Interação: Item e tipo de pergunta	5	3.2015	0.0074
Interação: Item e grupo de idade	10	5.8565	<.0001
Interação: Tipo de pergunta e grupo de idade	2	62.9697	<.0001
Interação: Item, tipo de pergunta e grupo de idade	10	4.0556	<.0001

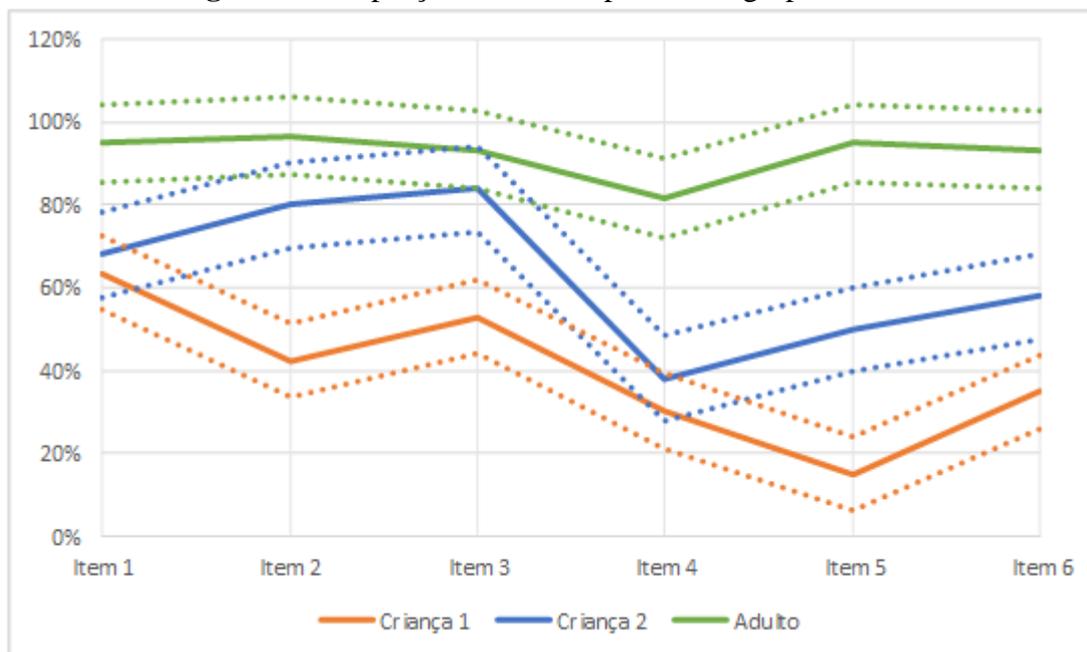
Fonte: Elaborado pela autora

Considerando a hipótese de que a compreensão de provérbios não se daria de igual forma entre os três grupos de idade existentes na amostra, uma análise *post hoc* foi realizada comparando o desempenho dos diferentes grupos no instrumento.

Crianças de 1º e 2º ano do EF acertaram, em média, 40% dos itens do teste (IC⁶95% - 35% a 45%); crianças de 4º e 5º ano do EF, por sua vez, alcançaram uma média um pouco mais alta, com 63% de acertos (IC95% - 58% a 68%); já os adultos, como esperado, tiveram uma compreensão quase total dos itens, com 93% de acertos (IC95% - 88% a 97%). A partir disso, ratifica-se a hipótese de que a compreensão das diferentes faixas etárias não acontece da mesma forma, atestada pelo progresso do processamento linguístico e cognitivo que acontece entre os grupos. Em uma diferença de cerca de dois a quatro anos, houve um aumento significativo na compreensão dos dois grupos de crianças ($p < .0001$). O mesmo ocorre entre os grupos de crianças e o grupo de adultos ($p < .0001$), como esperado. Através da diferença no desempenho dos grupos de idade, é fortalecido o pressuposto de que quanto mais novo o participante, menor a compreensão do fenômeno.

A partir desses dados, outra análise foi realizada, englobando o desempenho dos participantes para cada item do instrumento. No gráfico apresentado na Figura 1, foram construídas três retas, sendo uma para cada grupo de idade analisado: o grupo de crianças de 1º e 2º ano do EF é representado pela reta laranja; crianças de 4º e 5º ano são representadas pela reta azul; e adultos são representados pela reta verde. Essas retas apresentam a proporção geral de acertos dos três grupos, em perguntas abertas e fechadas. Nas linhas pontilhadas, são trazidos os intervalos de 95% de confiança, que indicam a verdadeira proporção de acertos que essas faixas de idade teriam na população. Com essa informação, é possível distinguir os grupos que são estatisticamente diferentes um do outro. Para isso, basta verificar se há intersecção entre esses intervalos de confiança, ou seja, se os intervalos estão ocupando a mesma faixa de espaço. Quando a mesma faixa de espaço é ocupada, não se pode dizer que os dois grupos são diferentes para aquele item. Caso contrário, quando não há intersecção, diz-se que os grupos são estatisticamente diferentes.

⁶ Intervalo de Confiança de 95%

Figura 1 – Proporção de acertos por item e grupo de idade

Fonte: Elaborado pela autora

Em uma primeira apreciação, nota-se que o desempenho e os intervalos de confiança de uma criança de 1º ou 2º ano do EF (Criança 1) não se interseccionam, em nenhum item, com o desempenho e os intervalos de confiança de um adulto ($p < 0.05$ ⁷). Assim, a hipótese de que uma criança de 1º e 2º ano ainda não compreende a grande maioria dos provérbios além de seu significado literal é corroborada, provavelmente por não ter experiência linguística suficiente para os compreender.

As crianças de 4º e 5º ano do EF (Criança 2), por sua vez, apresentaram um desempenho melhor sobre os itens, gerando intersecções com o desempenho dos adultos em alguns casos, como nos itens 2 ($p = 0.6263$) e 3 ($p = 0.9968$). Isso indica que, estatisticamente, não há evidências que comprovem uma diferença entre a proporção de acertos dos dois grupos para estes itens, com 95% de confiança. Mesmo que essa intersecção ocorra em poucos itens, percebe-se que há um avanço no conhecimento do fenômeno, sendo este bastante expressivo sobre a capacidade de abstração e compreensão de provérbios. Dessa forma, uma criança nesse grupo etário já tem a capacidade de compreender bem determinados ditos.

⁷ Maiores detalhes sobre a tabela de contrastes entre os itens e os grupos de idade disponíveis no Apêndice A.

Porém, constata-se que essas mesmas crianças apresentam um desempenho intermediário entre os grupos, já que suas retas não só interseccionam com a dos adultos, mas também com a das crianças de séries iniciais do EF. Nos itens 1 e 4, por exemplo, a proporção de acertos dos dois grupos de crianças não apresentou diferenças significativas ($p=1$ e $p=0.9996$, respectivamente), ocorrendo a intersecção dos resultados. Para estes itens, então, não há diferenças na compreensão dos grupos, tendo resultados que se assemelham quantitativamente. Os itens 3 e 5, por sua vez, apresentam diferenças significativas ($p=0.0026$ e $p=0.0003$, respectivamente) entre esses grupos, demonstrando que o desempenho das duas faixas etárias já não se assemelha mais para esses itens. Ou seja, mesmo que as crianças de 4º e 5º ano do EF sejam capazes de compreender determinados itens, certas dificuldades na interpretação do fenômeno dos provérbios ainda existem.

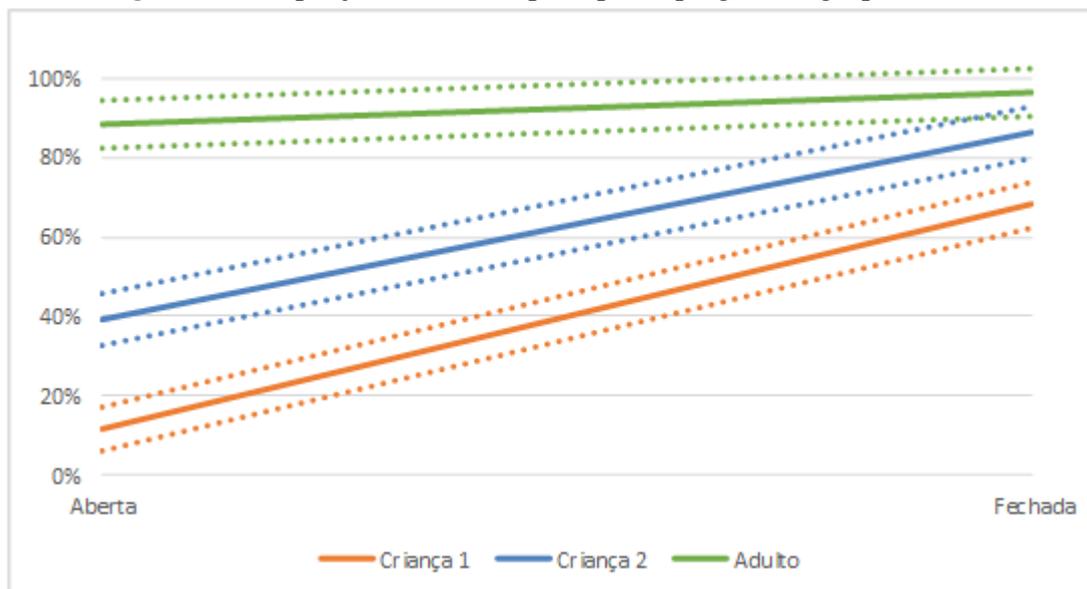
Uma possível linha na capacidade de compreensão do fenômeno pode ser notada através de itens mais marcados nos gráficos, como o 5 e o 6, nos quais não há intersecção entre nenhum grupo de idade ($p<0.05$). Assim, percebem-se itens mais distribuídos entre os grupos e menos compreendidos entre as crianças. Sendo um par de itens também notável, os itens 4 e 5 têm em comum o fato de possuírem a menor proporção de acertos para os dois grupos de crianças. Possivelmente, isso implica em itens menos familiares, talvez pela falta de exposição aos ditos em questão ou pela capacidade de abstração da criança ainda não ter se desenvolvido plenamente, levando alguns sujeitos a fornecerem uma interpretação mais literal do que figurada.

Em seguida, outra análise *post hoc* foi realizada, verificando o desempenho dos participantes de acordo com o tipo de pergunta. Por uma questão puramente estatística, acreditava-se que as perguntas fechadas gerariam maior quantidade de acertos, já que se tratam de perguntas que indicam somente duas possibilidades de resposta. De fato, questões fechadas obtiveram 84% de acertos (IC95% - 80% a 87%), enquanto questões abertas receberam, em média, 46% de acertos (IC95% - 43% a 50%), confirmando o esperado.

Complementando a análise, estudou-se a proporção de acertos dos participantes nos grupos de idade, de acordo com o tipo de pergunta. O gráfico construído com os resultados dessa análise, disponível na Figura 2, apresenta três linhas, sendo a laranja

para o grupo de crianças de 1º e 2º ano do EF; a azul para o grupo de crianças de 4º e 5º ano do EF; e a verde para o grupo de adultos. Junto às linhas, em forma de retas pontilhadas, estão apresentados os intervalos de confiança de cada grupo.

Figura 2 – Proporção de acertos por tipo de pergunta e grupo de idade



Fonte: Elaborado pela autora

Nos três grupos, percebe-se um aumento na porcentagem de respostas esperadas de questões abertas para as fechadas. Conforme o expectável, crianças mais novas apresentam uma porcentagem baixa de acertos nas questões abertas, com 12% de respostas esperadas (IC95% - 6 a 17%), que evoluem a 68% nas perguntas fechadas (IC95% - 63 a 74%). Percebe-se, assim, que, com o auxílio de pistas, crianças de seis a oito anos já conseguem compreender melhor um provérbio, embora ainda não consigam explicar seu significado em outras palavras.

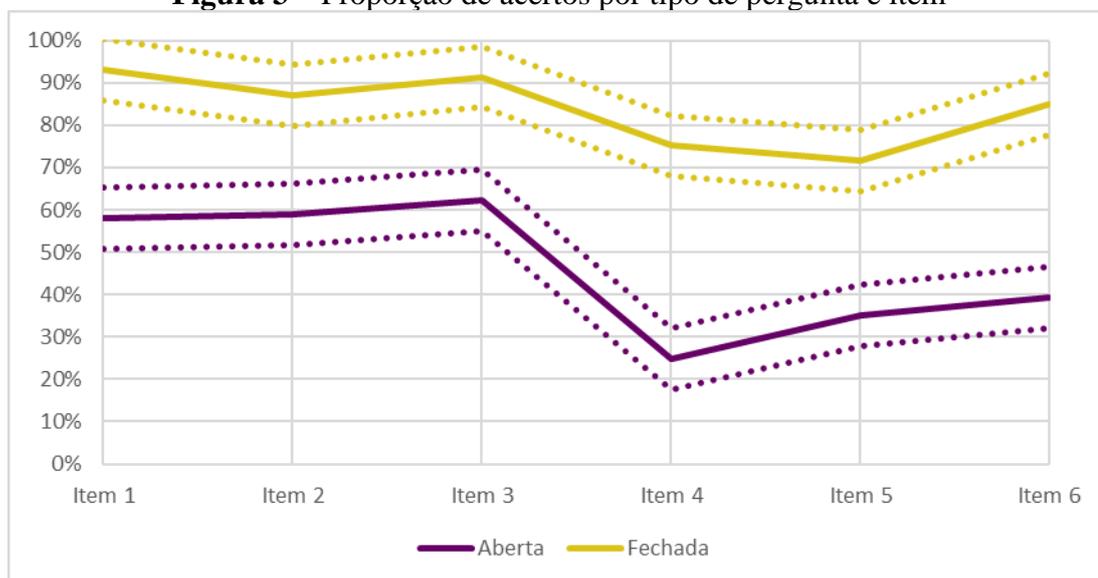
No que diz respeito aos outros grupos, todas as relações foram significativas ($p < 0.5^8$), ao nível de 95% de confiança. O grupo de crianças mais velhas apresentou evolução em relação às crianças mais novas, compreendendo cerca de 20% a mais de respostas esperadas do que as crianças mais novas nas questões abertas e fechadas ($p < 0.5$). Para as questões fechadas, é interessante notar que não há diferença significativa entre o grupo de crianças mais velhas e adultos ($p = 0.223$), ocorrendo a intersecção dos intervalos de confiança. Isso quer dizer que mesmo que esses dois

⁸ Maiores detalhes sobre a tabela de contrastes entre os itens e os grupos de idade disponíveis no Apêndice B.

grupos tenham bastante diferença nas perguntas abertas ($p < .0001$), com as crianças acertando metade das respostas em relação aos adultos, as perguntas fechadas mostram mais semelhança entre a compreensão dos grupos, com parte das crianças tendo um desempenho parecido com o dos adultos.

Com isso, foi calculada outra proporção de acertos, analisando os resultados classificados por tipo de pergunta e pelos itens do Instrumento. Ilustrado na Figura 3, o gráfico apresenta duas retas representando os tipos de perguntas existentes no Instrumento de Compreensão de Provérbios. As perguntas abertas são representadas pela reta roxa, enquanto as perguntas fechadas são representadas pela reta amarela. Assim como nos outros gráficos apresentados, as retas contínuas indicam a proporção geral de acertos por tipo de pergunta para cada item do Instrumento. As retas são acompanhadas, novamente, por linhas pontilhadas, simbolizando os intervalos de 95% de confiança.

Figura 3 – Proporção de acertos por tipo de pergunta e item



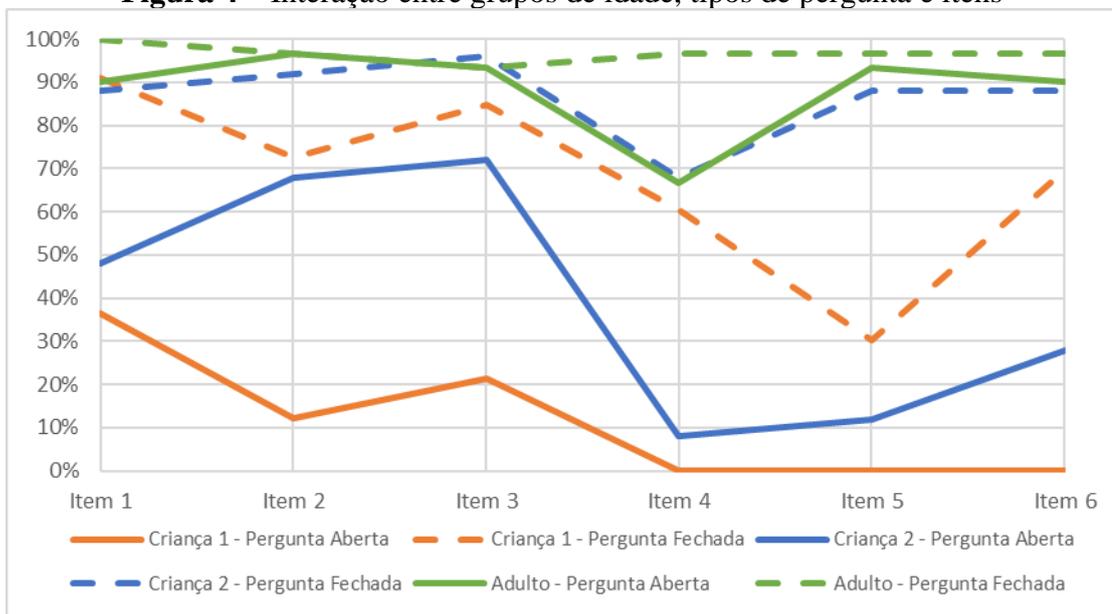
Fonte: Elaborado pela autora

Conforme o previsto, os resultados mostram que as perguntas fechadas obtiveram melhor desempenho em todos os seis itens. Além disso, se percebe que não ocorrem intersecções entre as retas de proporção e os intervalos de confiança, indicando diferença significativa ($p < .0001$) entre perguntas abertas e fechadas para todos os itens. Assim, sugere-se que o desempenho dos participantes depende muito do tipo de estímulo apresentado. Se há alguma pista, como ocorre nas perguntas fechadas, os

participantes tendem a identificar a ideia central do provérbio. Já nas abertas, em que o participante deve verbalizar um sentido figurado para os ditos, nem sempre as respostas dadas correspondem ao que é esperado.

Logicamente, todo o participante que responde de modo esperado à pergunta aberta tende a acertar também a pergunta fechada. Ocorre que, durante o processo de aplicação e correção dos dados, percebeu-se que alguns participantes não souberam se expressar de forma esperada na pergunta aberta dos itens, mas acabaram por acertar a pergunta fechada. Nesses casos, acredita-se que alguns sujeitos podem ter acertado a pergunta fechada por realmente conhecerem o item, embora não soubessem expressar seu significado em outras palavras.

Tendo os resultados significativos das análises que compreendem grupos de idade e tipos de pergunta, um estudo sobre a interação desses dados com os itens do instrumento foi realizado. O gráfico apresentado na Figura 4 traz os resultados desse estudo. Seis retas foram construídas nesse gráfico, simbolizando cada grupo de idade, e cada tipo de pergunta. As linhas contínuas indicam as proporções de respostas esperadas para as perguntas abertas, e as linhas tracejadas para as perguntas fechadas. Assim, cada grupo de idade é tratado por duas linhas. O grupo de crianças de 1º e 2º ano do EF (Crianças 1) está representado pela cor laranja; a cor azul trata das crianças de 4º e 5º ano do EF (Crianças 2); e os adultos são representados pela cor verde. Para evitar o excesso de informações no gráfico, os intervalos de confiança serão apresentados no decorrer do texto, estando disponíveis também no Apêndice D, de forma mais detalhada.

Figura 4 – Interação entre grupos de idade, tipos de pergunta e itens

Fonte: Elaborado pela autora

Nos dados, verificou-se interação entre os três grupos etários em parte das perguntas fechadas, e, nas perguntas abertas, entre o grupo intermediário de crianças com adultos e crianças mais novas. Crianças mais novas, por apresentarem um desempenho mais baixo nas questões abertas, não se interseccionaram aos adultos em nenhum dos itens. Dentre as interações dos dados, metade delas (45 de 90) foi estatisticamente significativa ($p < 0.05$), principalmente em relação aos grupos de crianças⁹, o que corrobora a hipótese de que as crianças não compreendem provérbios como adultos. Além disso, estas interações também demonstram diferenças entre os próprios grupos de crianças. Geralmente, crianças mais novas não atingem a mesma proporção de respostas esperadas que crianças mais velhas e adultos nas perguntas abertas. Mesmo assim, a proporção de respostas esperadas das crianças pequenas interseccionou-se com a dos demais grupos em três das seis perguntas fechadas, indicando certa habilidade de compreensão dos ditos quando há dicas de sentido nos estímulos.

Quanto aos adultos, se percebe que quase não há diferenças significativas entre perguntas abertas e fechadas, sendo as retas e os intervalos de confiança próximos aos

⁹ Maiores detalhes sobre a tabela de contrastes entre os itens, os grupos de idade e os tipos de perguntas disponíveis no Apêndice C.

100% de proporção de respostas esperadas (IC95% - 54 a 112%). Esse resultado demonstra que grande parte dos adultos soube interpretar os provérbios, respondendo da forma esperada as duas perguntas realizadas no teste. Neste grupo, nenhum item apresentou diferença significativa entre perguntas abertas e fechadas, ocorrendo intersecções entre cinco dos seis itens ($p > 0.06$). Isso demonstra que grande parte dos adultos já é capaz de interpretar um provérbio de acordo com o rendimento esperado, acertando tanto a pergunta aberta quanto a pergunta fechada. Assim, a conjectura de que adultos compreendem o fenômeno amplamente é reforçada.

Ao contrário dos adultos, os grupos das crianças não apresentam tanta estabilidade em suas interações. Ao tratar do grupo de 1º e 2º ano, percebe-se pouco conhecimento dos itens, especialmente nas perguntas abertas. Alguns itens, como o 4, o 5 e o 6, obtiveram uma proporção de 0% de respostas esperadas na pergunta aberta (IC95% - 12 a 12%), enquanto os demais alcançaram proporções entre 10% e 40% de respostas esperadas (IC95% - 0 a 33%). Isso indica, portanto, que esses provérbios são pouco conhecidos pelas crianças. Mesmo assim, esse grupo se mostrou capaz de depreender o significado dos itens nas perguntas fechadas, que, conforme o gráfico, apresentam uma reta de acertos mais elevada (30 a 90%; $p < 0.05$; IC95% - 19 a 103%). Com isso, há mais um indício de que alguns ditos já são compreendidos por volta dos seis aos sete anos, variando, provavelmente, de acordo com a familiaridade da criança para com o item. Ou seja, a criança já mostra ser capaz de compreender que a sentença nem sempre trata do nível literal, mas ainda não possui a habilidade de abstrair o significado figurado da mesma em sua totalidade ou de se expressar propriamente.

Sobre o grupo de crianças de 4º e 5º ano do EF, percebe-se uma compreensão bastante intermediária em relação às crianças pequenas e aos adultos, sendo diversas as intersecções que ocorrem nesse caso. Entre este grupo intermediário e os adultos, por exemplo, ocorre intersecção dos intervalos de confiança em 5 dos 6 itens, nas perguntas fechadas, simbolizando, possivelmente, uma compreensão semelhante desses grupos nos 5 itens em questão. Entretanto, também ocorrem intersecções entre os dois grupos de crianças, como nos itens 4 ($p=1$) e 6 ($p=0.9827$), também nas perguntas fechadas. Assim, percebe-se que as crianças mais velhas se encontram em um estágio de compreensão que ainda não está totalmente atingido, dependendo bastante do provérbio

que está sendo questionado. Cabe ressaltar que o item 4 também apresentou intersecção somente entre os grupos de crianças na pergunta aberta ($p=1$), indicando que, neste item, nenhum dos grupos de crianças atingiu um nível de compreensão próximo dos adultos, sendo esse o item mais difícil para a amostra, com a menor proporção de respostas esperadas nos grupos.

Curiosamente, nos itens 1, 2 e 3, ainda nas perguntas fechadas, os três grupos apresentam intersecções ($p>0.6$), indicando um nível semelhante de conhecimento sobre os itens. Porém, é importante lembrar que as perguntas fechadas podem ter respostas aleatórias, já que apresentam duas possibilidades de respostas somente. O que se espera é que o participante que acerta a pergunta aberta também acerte a pergunta fechada.

Diferentemente das questões fechadas, as intersecções das questões abertas não aconteceram entre os três grupos. No item 1, somente os dois grupos de crianças se interseccionam ($p=1$; IC95% - 25 a 48% e 35 a 61%); no item 2, não ocorre nenhuma intersecção ($p<0.05$); e no item 3, por final, somente há intersecção entre crianças mais velhas e adultos ($p=0.9167$; IC95% - 59 a 85% e 81 a 106%). Novamente, se robustece a tese de que crianças mais velhas compreendem o fenômeno dos provérbios de forma mista entre os dois grupos, tendo uma capacidade de abstração do fenômeno ainda dependente do item.

Como não há intersecções entre crianças mais novas e adultos em perguntas abertas e todas essas interações apresentaram um resultado estatisticamente significativo ($p<.0001$), a hipótese de que crianças em início de fase escolar não compreendem provérbios da mesma forma que adultos é corroborada. Através das análises realizadas, um efeito principal de idade na compreensão de provérbios foi percebido, com uma habilidade de abstração não estável, muito dependente do item e do tipo de pergunta realizada. Sendo assim, uma última análise foi construída, compreendendo o desempenho dos participantes nos itens.

Como percebido nas análises anteriores, alguns itens apresentaram maior dificuldade para os grupos, como o 4, o 5 e o 6, nesta ordem. Muito provavelmente essas dificuldades surgiram por falta de exposição dos participantes a esses itens, mesmo que fossem itens julgados familiares para adultos da mesma comunidade

linguística das crianças entrevistadas. Conforme mencionado anteriormente, durante a construção da tarefa, um teste de familiaridade foi realizado com 204 sujeitos adultos. Somente itens altamente familiares para adultos foram selecionados para compor a tarefa de seis itens. Mesmo assim, os itens podem ser não familiares para crianças, já que os dados nos mostram que a capacidade de abstração do fenômeno ainda é baixa nessa faixa de idade. Na Tabela 4, são citadas as porcentagens de respostas classificando os provérbios como altamente familiares, ou seja, respostas 4 ou 5 na escala Likert utilizada. Conforme os resultados, a porcentagem de familiaridade se mantém entre 78% e 97%, sendo 5 dos seis provérbios avaliados como altamente e totalmente familiares em 90% das vezes.

Tabela 4 – Porcentagem de respostas 4 e 5 para os itens na tarefa de familiaridade

Provérbio	Porcentagem de respostas 4 e 5
1. Em boca fechada não entra mosca.	93%
2. Filho de peixe, peixinho é.	97%
3. Quem vê cara não vê coração.	90%
4. Onde há fumaça, há fogo.	78%
5. Quem não chora não mama.	92%
6. Cachorro que late não morde.	94%

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos participantes no instrumento de compreensão apontaram para diferenças entre os itens, ainda que todos fossem familiares na comunidade linguística entrevistada. Como se percebe, quanto mais novo o participante, menor a proporção de respostas esperadas para os itens. Ainda assim, mesmo nos grupos de crianças, já havia itens mais bem compreendidos, indicando um aumento gradativo na capacidade de abstração dos provérbios. Por isso, uma última análise *post hoc* foi realizada, tratando de respostas esperadas para cada item por todos os grupos de idade, conforme a Tabela 5. Nessa, buscava-se investigar se havia uma tendência de que respostas mais familiares seriam mais bem compreendidas.

Tabela 5 – Média de respostas esperadas para cada item

Item	Média	Desvio padrão	Intervalo de confiança
1	76%	0.4309081	70% - 81%
2	73%	0.452267	68% - 79%
3	77%	0.4309081	71% - 82%
4	50%	0.5014265	44% - 56%
5	53%	0.5009083	48% - 59%
6	62%	0.4883048	57% - 68%

Fonte: Elaborado pela autora

De fato, alguns dados do teste de compreensão se relacionaram aos valores encontrados na análise de familiaridade. O item 4, por exemplo, teve a menor porcentagem de respostas 4 e 5 na tarefa de familiaridade (78%) e também a menor média de respostas esperadas na análise apresentada na Tabela 5 (50%). Conforme os dados já apontados na Figura 4, a maioria das crianças respondeu conforme o esperado em apenas 10% das vezes, enquanto os adultos chegaram a cerca de 70%.

O desempenho no item 5 foi similar ao do item 4, com uma média de 53% de respostas esperadas. Nesse caso, a ordem dos itens também se assemelha à ordem dos resultados da tarefa de familiaridade. Nessa última, o item 5 estava entre os três itens menos familiares, embora a comunidade linguística entrevistada o tenha classificado com 92% de respostas altamente familiares. Assim como ilustrado pelas análises aqui realizadas, o item 5 geralmente apresenta uma quantidade menor de respostas esperadas do que os outros itens, principalmente para as crianças.

O item 6, conforme já comentado, foi um dos três itens que apresentou maiores dificuldades para os grupos, com a média de 62% de proporção de respostas esperadas. Entretanto, na tarefa de familiaridade, este foi um dos provérbios mais altamente familiares, com 94% de respostas 4 e 5. Acredita-se que esta inversão tenha ocorrido devido à possibilidade de os itens serem menos utilizados com crianças, fazendo com que suas curvas de compreensão sejam mais tardias do que a dos outros itens (também nos itens 4 e 5). Ainda assim, salienta-se o fato de que as mesmas crianças puderam depreender melhor o sentido dos ditos com o auxílio da pergunta fechada (conforme Figura 4).

Ao analisar os dados dos intervalos de confiança desses três itens, conforme a Tabela 5, uma evidente intersecção entre os pares de itens 4 e 5, e 5 e 6 é constatada.

Isso quer dizer que, nestes itens, o desempenho dos participantes não apresenta diferenças, sendo os itens 4, 5 e 6 os três provérbios mais difíceis de alcançar o significado através de outras palavras. Averiguando os dados de contraste, detalhados no Apêndice E, verifica-se que todos os valores estatisticamente significativos ($p < 0.5$) vêm das comparações destes itens com os mais bem compreendidos, insinuando, novamente, que estes foram os três itens mais difíceis para a amostra entrevistada.

Os três primeiros itens do teste alcançaram médias de respostas esperadas muito semelhantes, entre 73 e 77%. Através de seus intervalos de confiança, percebem-se intersecções entre os três itens, não havendo diferenças significativas ($p > 0.9$) em seus contrastes. Isso ocorre pois, conforme os resultados ilustrados na Figura 4, somente o grupo de crianças mais novas apresentou proporções baixas de respostas esperadas nesses itens. O grupo de crianças mais velhas, por sua vez, aproximou-se do desempenho de adultos. Assim, supõe-se que os provérbios apresentados nos três primeiros itens sejam mais conhecidos pelas crianças mais velhas, estando estas com um nível de abstração mais desenvolvido do que as crianças mais novas. Novamente, os resultados apontam para a diferença na compreensão do fenômeno de acordo com o grupo de idade, sendo este um aspecto indispensável nos estudos de compreensão não só de provérbios, mas também da linguagem figurada como um todo.

Com isso, verificam-se diferentes fatores que podem ser analisados para revelar maiores detalhes sobre a compreensão de provérbios em faixas etárias variadas. As análises confirmam a idade como uma variável fundamental na compreensão de provérbios, bem como o tipo de pergunta apresentada ao participante, dando pistas sobre o sentido ou deixando a questão em aberto. Surpreendentemente, os estímulos apresentados também foram determinantes, revelando uma maior ou menor compreensão dos itens de acordo com o provérbio apresentado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigou-se a compreensão de provérbios em adultos e crianças de séries iniciais do Ensino Fundamental, divididas em dois subgrupos: alunos de 1º e 2º ano e alunos de 4º e 5º ano. Com o objetivo de verificar uma possível curva de compreensão do fenômeno, os participantes responderam às questões do Instrumento de Compreensão de Provérbios, tendo seus desempenhos comparados para a verificação de semelhanças e diferenças entre esses três grupos. Por hipótese, acreditava-se que os desempenhos dos grupos não seriam semelhantes, com avanços na compreensão dos itens variando de acordo com o aumento da idade e com o tipo de pergunta realizado.

Através dos resultados, percebe-se que a hipótese foi corroborada, uma vez que o desempenho se modificou em função das variáveis *idade* e *tipo de pergunta*. Conforme o esperado, a idade do participante apresentou um efeito significativo nas análises, sendo essa uma variável determinante quando se trata de compreensão de linguagem figurada. Através dos reflexos da idade dos participantes nos resultados, aventou-se a possibilidade de que o fenômeno dos provérbios não é um conhecimento que se aprenda em uma determinada fase da vida, relacionado, portanto, a uma capacidade de abstração gradativa, desenvolvida aos poucos pelas crianças de acordo com suas experiências no mundo.

Já era esperado, também, que os diferentes tipos de perguntas contribuíssem significativamente para os resultados. Sabendo que a primeira pergunta realizada sobre os itens não limita a resposta, enquanto a segunda aponta para indícios da resposta esperada e tem 50% de chances de acerto, torna-se lógico que um participante capaz de compreender a ideia do provérbio acerte a pergunta fechada, mesmo nos casos em que a pergunta aberta não foi respondida conforme o esperado.

Para a nossa surpresa, não só a idade e o tipo de pergunta apresentaram efeitos significativos nos resultados. Os itens do teste, mesmo que previamente avaliados em um piloto e controlados quanto ao grau de familiaridade, apresentaram diferenças significativas entre si. Com isso, percebe-se que a curva de compreensão do fenômeno em uma criança depende muito da sua exposição a determinados provérbios. Como se

sabe, um provérbio carrega uma moral, e esta exige conhecimentos culturais para ser bem compreendida. Partindo do pressuposto de que uma criança não costuma ter experiência de mundo suficiente para compreender determinados valores de uma sociedade, presume-se que os provérbios sejam menos utilizados com esse grupo etário devido a essa falta de experiência de mundo para compreender os ditos. Desse modo, conjectura-se que, dada a falta de familiaridade e exposição, a capacidade de compreensão da criança para certos provérbios passa a ser mais tardia do que para outros.

Além disso, supõe-se que a compreensão de provérbios não esteja relacionada somente a esses fatores, mas também a elementos de letramento, como escolaridade e nível de leitura. Assim como o aumento da idade, a escolaridade e a quantidade de leitura realizada por uma criança permite uma maior exposição a diferentes situações de comunicação. Conseqüentemente, uma criança com mais carga de leitura tem mais acesso a novas formas linguísticas, incorporando-as em seu repertório linguístico.

Após os resultados das análises e dada a escassez de estudos em língua portuguesa tratando sobre a compreensão de provérbios, algumas contribuições deste trabalho podem ser ressaltadas. Alguns aspectos sobre a curva de compreensão de provérbios em crianças de seis a onze anos foram suscitados e discutidos, como evidências sobre o aumento gradual desse conhecimento e a necessidade de exposição das crianças aos ditos para uma melhor compreensão de seus sentidos. Ademais, a aplicação do Instrumento permitiu que algumas melhorias fossem feitas na tarefa. Novas possibilidades de respostas esperadas foram adicionadas aos critérios de correção do teste COMFIGURA, como a utilização de exemplos que expliquem uma situação possível de uso do provérbio quando o participante não consegue verbalizar um significado propriamente dito.

Mesmo assim, reconhecemos também algumas limitações que devem ser apontadas para fins de pesquisas futuras. Sabemos que provérbios são extremamente dependentes do contexto sociocultural dos falantes. Com isso, é importante ressaltar que os adultos aqui entrevistados não fazem parte da mesma comunidade linguística que os entrevistados no teste de familiaridade, já que o instrumento foi aplicado a participantes da região da Serra do Rio Grande do Sul, enquanto o teste de familiaridade

foi realizado com residentes da região metropolitana de Porto Alegre. Sendo a Serra uma região com fortes traços culturais de imigração, podemos considerar a cultura dos participantes adultos entrevistados como uma variável interveniente nos resultados.

Outra limitação pode ser apontada nas dificuldades que as crianças podem apresentar ao se expressarem, ou por não terem sido tão expostas a alguns itens da tarefa, compreendendo-os menos. Para isso, um estudo de linguística de corpus poderia complementar os resultados aqui apresentados. Desse modo, as produções linguísticas das crianças utilizando provérbios em contextos mais naturais de fala poderiam ser estudadas. Através de bancos de dados já existentes, como o Child Language Data Exchange System (CHILDES)¹⁰, seria possível analisar a fala de crianças em diferentes contextos, faixas etárias e línguas, tratando não só do significado compreendido pelas crianças nas expressões, mas também do que é enunciado nas conversas registradas. Outra sugestão para estudos da mesma natureza é a realização de uma análise de mídias e conteúdos consumidos pelas crianças, como livros, músicas e programas de entretenimento infantil, em diferentes meios de disseminação. Através disso, seria possível observar a ocorrência de estruturas proverbiais às quais as crianças são expostas, além dos contextos de fala cotidiana.

Em resumo, acredita-se ter alcançado os objetivos propostos sobre a investigação da compreensão de provérbios em adultos e, especialmente, crianças. Percebemos que a compreensão de provérbios parece coocorrer com a experiência do falante. Há uma tendência de que quanto mais experiência e conhecimento de mundo, melhor um falante compreende os provérbios e os valores contidos neles. Assim, a compreensão de provérbios pode ser bem explicada através do dito *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*, indicando que essa é uma habilidade que se desenvolve através de repetidos eventos comunicativos. A compreensão de provérbios, com isso, é uma habilidade complexa adquirida paulatinamente, exigindo, além de conhecimentos linguísticos, capacidade cognitiva para abstrair e experiência de mundo suficiente para a assimilação dos valores morais e sociais apresentados no fenômeno.

¹⁰ Disponível em: <<https://childes.talkbank.org/>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIAKBARI, Mohammad; KHOSRAVIAN, Fereshteh. A corpus analysis of color-term conceptual metaphors in Persian proverbs. **Akdeniz Language Studies Conference**, v. 70, p. 11-17, 2013.

BRÜNE, Martin; BODENSTEIN, Luise. Proverb comprehension reconsidered—‘theory of mind’ and the pragmatic use of language in schizophrenia. **Schizophrenia research**, v. 75, n. 2, p. 233-239, 2005.

BULJAN, Gabrijela; GRADEČAK-ERDELJIĆ, Tanja. Where cognitive linguistics meets paremiology: a cognitive-contrastive view of selected English and Croatian proverbs. **Explorations in English Language and Linguistics**, v. 1, n. 1, p. 63-83, 2013.

CAZELATO, Sandra Elisabete de Oliveira. **A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo**. (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CAZELATO, Sandra Elisabete de Oliveira. **A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos**. (Tese de Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

DUTHIE, Jill K. et al. Mental imagery of concrete proverbs: A developmental study of children, adolescents, and adults. **Applied Psycholinguistics**, v. 29, n. 1, p. 151-173, 2008.

FAYCEL, Dahklaoui. Food Metaphors in Tunisian Arabic Proverbs. **Rice Working Papers in Linguistics**, v. 3, n. 1, p.1–23, 2012.

GIBBS, Raymond W. **The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding**. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

GIBBS, Raymond W.; BEITEL, Dinara. What proverb understanding reveals about how people think. **Psychological Bulletin**, v. 118, n. 1, p. 133, 1995.

GRADY, Joseph E.. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes** (Tese de Doutorado) – Universidade da Califórnia, Berkeley, 1997.

KOBIA, John. A Conceptual Metaphorical Analysis of Swahili Proverbs with Reference to Chicken Metaphor. **International Journal of Education and Research**, v. 4, n. 2, p. 217-228, 2016.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press. 1980.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LIU, Jianwen. A comparative study of English and Chinese animal proverbs from the perspective of metaphors. **Theory and Practice in Language Studies**, v. 3, n. 10, p. 1844, 2013.

LU, Chiarung. Eating Is Not an Easy Task. Understanding Cultural Values via Proverbs. *Japanese Studies Journal*, v. 29, n. 1, p. 63–79, 2012.

MCCRIMMON, Adam W. et al. Executive functions in Asperger's syndrome: An empirical investigation of verbal and nonverbal skills. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 6, n. 1, p. 224-233, 2012.

MENGRU, Liu. **Provérbios e expressões idiomáticas em português e chinês**. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês – Tradução, Formação e Comunicação Empresarial). Universidade do Minho, Minho. 2012.

MORAN, Catherine A.; NIPPOLD, Marilyn A.; GILLON, Gail T. Working memory and proverb comprehension in adolescents with traumatic brain injury: A preliminary investigation. **Brain Injury**, v. 20, n. 4, p. 417-423, 2006.

MORENO, Ana Ibáñez. An analysis of the cognitive dimension of proverbs in English and Spanish: The conceptual power of language reflecting popular believes. **SKASE Journal of theoretical linguistics**, v. 2, n. 1, p. 42-54, 2005.

MUHAMMAD, Nurul N.; RASHID, Sabariah M.. Cat Metaphors in Malay and English Proverbs. **International Conference on Knowledge-Innovation-Excellence: Synergy in Language Research and Practice (2013)**, v. 118, p. 335-342, 2014.

NIPPOLD, Marilyn A.; HAQ, Faridah Serajul. Proverb comprehension in youth: The role of concreteness and familiarity. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 39, n. 1, p. 166-176, 1996.

NIPPOLD, Marilyn A.; HEGEL, Susan L.; UHDEN, Linda D.; BUSTAMANTE, Silvia. Development of proverb comprehension in adolescents: Implications for instruction. **Journal of Children's Communication Development**, v. 19, n. 2, p. 49-55, 1998.

NIPPOLD, Marilyn A.; ALLEN, Melissa M.; KIRSCH, Dixon I. How adolescents comprehend unfamiliar proverbs: the role of top-down and bottom-up processes. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 43, n. 3, p. 621-630, 2000.

PASQUALI, Luiz. **Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas**. Artmed: Porto Alegre. 2010.

PAUL, Lynn K.; VAN LANCKER-SIDTIS, Diana; SCHIEFFER, Beatrix; DIETRICH, Rosalind; BROWN, Warren S.. Communicative deficits in agenesis of the

corpus callosum: nonliteral language and affective prosody. **Brain and Language**, v. 85, n. 2, p. 313-324, 2003.

RUIZ de Mendoza Ibáñez, Francisco J. **Introducción a la teoría cognitiva de la metonimia**. Granada: Método Ediciones, 1999.

SANTOS, Mauricéa Tabósa Ferreira. **Elaboração e validade do teste de rastreio de doença da Alzheimer com provérbios (TRDAP) para indivíduos a partir de sessenta anos**. 2009. 121 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SÉ, Elisandra Villela Gasparetto. **Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer em fase inicial**. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2011.

SILVA, Cleuza Beatriz Baptista da; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. Elaboração e validação de um instrumento para avaliar tipos de pensamento através da interpretação de provérbios. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 11, n. 01, 1995.

SIQUEIRA, Maity. **As metáforas primárias na aquisição da linguagem: Um estudo interlinguístico**. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2004.

SIQUEIRA, Maity; PEREIRA, Laura Baiocco; FERRARI, Caroline Girardi; LOPES, Nichele. Mapeamentos metafóricos e metonímicos em provérbios do português brasileiro. **ReVEL**, vol. 15, n. 29, p. 159-175, 2017.

SPONHEIM, Scott R.; SURERUS-JOHNSON Christa; LESKELA Jennie; DIEPERINK, Michael E.. Proverb interpretation in schizophrenia: the significance of symptomatology and cognitive processes. **Schizophrenia Research**, v. 65, n. 2, p. 117-123, 2003.

THOMA, Patrizia; HENNECKE, Marie; MANDOK, Tobias; WÄHNER, Alfred; BRÜNE, Martin; JUCKEL, Georg; DAUM, Irene. Proverb comprehension impairments in schizophrenia are related to executive dysfunction. **Psychiatry research**, v. 170, n. 2, p. 132-139, 2009.

ULATOWSKA, Hanna K.; SADOWSKA, Maria; KADZIELAWA, Danuta; Kordys, Jan; RYMARCZYK, Krystina. Linguistic and cognitive aspects of proverb processing in aphasia. **Aphasiology**, v. 14, n. 3, p. 227-250, 2000.

URBINA, Susana. **Fundamentos da testagem psicológica**. Artmed Editora. 299 p. 2007.

YOON, Hyojin; SCHWARZ, Ilsa; NIPPOLD, Marilyn A. Comparing proverb comprehension in Korean and American youth. **Speech, Language and Hearing**, v. 19, n. 3, p. 161-170, 2016.

APÊNDICE A

Tabela de contrastes entre itens e grupos de idade

Item	Contraste	Valor p
1	Criança 1 - Criança 2	1
1	Criança 1 - Adulto	0.0009
1	Criança 2 - Adulto	0.0236
2	Criança 1 - Criança 2	0.0001
2	Criança 1 - Adulto	<.0001
2	Criança 2 - Adulto	0.6263
3	Criança 1 - Criança 2	0.0026
3	Criança 1 - Adulto	<.0001
3	Criança 2 - Adulto	0.9968
4	Criança 1 - Criança 2	0.9996
4	Criança 1 - Adulto	<.0001
4	Criança 2 - Adulto	<.0001
5	Criança 1 - Criança 2	0.0003
5	Criança 1 - Adulto	<.0001
5	Criança 2 - Adulto	<.0001
6	Criança 1 - Criança 2	0.0927
6	Criança 1 - Adulto	<.0001
6	Criança 2 - Adulto	0.0004

Fonte: Elaborado pela autora

APÊNDICE B

Tabela de contrastes entre grupos de idade e tipos de pergunta

Contraste	Média	Valor p
Criança 2 Aberta - Criança 1 Aberta	0.27717	<.0001
Criança 2 Aberta - Adulto Aberta	-0.49	<.0001
Criança 2 Aberta - Criança 2 Fechada	-0.4733	<.0001
Criança 2 Aberta - Criança 1 Fechada	-0.2885	<.0001
Criança 2 Aberta - Adulto Fechada	-0.5733	<.0001
Criança 1 Aberta - Adulto Aberta	-0.7672	<.0001
Criança 1 Aberta - Criança 2 Aberta	-0.7505	<.0001
Criança 1 Aberta - Criança 1 Fechada	-0.5657	<.0001
Criança 1 Aberta - Adulto Fechada	-0.8505	<.0001
Adulto Aberta - Criança 2 Fechada	0.01667	0.999
Adulto Aberta - Criança 1 Fechada	0.20152	0.0001
Adulto Aberta - Adulto Fechada	-0.0833	0.1084
Criança 2 Fechada - Criança 1 Fechada	0.18485	0.0007
Criança 2 Fechada - Adulto Fechada	-0.1	0.223
Criança 1 Fechada - Adulto Fechada	-0.2848	<.0001

Fonte: Elaborado pela autora

APÊNDICE C

Tabela de contrastes entre os itens, grupos de idade e tipos de pergunta

Item	Contraste	Valor p	Item	Contraste	Valor p
1	Criança 2 PA-Criança 1 PA	1	4	Criança 2 PA-Criança 1 PA	1
	Criança 1 PA-Adulto PA	0.007		Criança 2 PA-Adulto PA	<.0001
	Criança 2 PA-Criança 2 PF	0.003		Criança 2 PA-Criança 2 PF	<.0001
	Criança 2 PA-Criança 1 PF	0.0034		Criança 2 PA-Criança 1 PF	<.0001
	Criança 2 PA-Adulto PF	0.0001		Criança 2 PA-Adulto PF	<.0001
	Criança 1 PA-Adulto PA	<.0001		Criança 1 PA-Adulto PA	<.0001
	Criança 1 PA-Criança 2 PF	0.0001		Criança 1 PA-Criança 2 PF	<.0001
	Criança 1 PA-Criança 1 PF	<.0001		Criança 1 PA-Criança 1 PF	<.0001
	Criança 1 PA-Adulto PF	<.0001		Criança 1 PA-Adulto PF	<.0001
	Adulto PA-Criança 2 PF	1		Adulto PA-Criança 2 PF	1
	Adulto PA-Criança 1 PF	1		Adulto PA-Criança 1 PF	1
	Adulto PA-Adulto PF	1		Adulto PA-Adulto PF	0.0681
	Criança 2 PF-Criança 1 PF	1		Criança 2 PF-Criança 1 PF	1
	Criança 2 PF-Adulto PF	1		Criança 2 PF-Adulto PF	0.3908
Criança 1 PF-Adulto PF	1	Criança 1 PF-Adulto PF	0.0235		
2	Criança 2 PA-Criança 1 PA	<.0001	5	Criança 2 PA-Criança 1 PA	1
	Criança 2 PA-Adulto PA	0.3908		Criança 2 PA-Adulto PA	<.0001
	Criança 2 PA-Criança 2 PF	0.6765		Criança 2 PA-Criança 2 PF	<.0001
	Criança 2 PA-Criança 1 PF	1		Criança 2 PA-Criança 1 PF	0.9827
	Criança 2 PA-Adulto PF	0.3908		Criança 2 PA-Adulto PF	<.0001
	Criança 1 PA-Adulto PA	<.0001		Criança 1 PA-Adulto PA	<.0001
	Criança 1 PA-Criança 2 PF	<.0001		Criança 1 PA-Criança 2 PF	<.0001

3	Criança 1 PA- Criança 1 PF	<.0001		6	Criança 1 PF- Criança 1 PF	0.0318
	Criança 1 PA- Adulto PF	<.0001			Criança 1 PA- Adulto PF	<.0001
	Adulto PA- Criança 2 PF	1			Adulto PA- Criança 2 PF	1
	Adulto PA- Criança 1 PF	0.6331			Adulto PA- Criança 1 PF	<.0001
	Adulto PA- Adulto PF	1			Adulto PA- Adulto PF	1
	Criança 2 PF- Criança 1 PF	0.9663			Criança 2 PF- Criança 1 PF	<.0001
	Criança 2 PF- Adulto PF	1			Criança 2 PF- Adulto PF	1
	Criança 1 PF- Adulto PF	0.6331			Criança 1 PF- Adulto PF	<.0001
	Criança 2 PA- Criança 1 PA	0.0001			Criança 2 PA- Criança 1 PA	0.3961
	Criança 2 PA- Adulto PA	0.9167			Criança 2 PA- Adulto PA	<.0001
	Criança 2 PA- Criança 2 PF	0.6765			Criança 2 PA- Criança 2 PF	<.0001
	Criança 2 PA- Criança 1 PF	1			Criança 2 PA- Criança 1 PF	0.0056
	Criança 2 PA- Adulto PF	0.9167			Criança 2 PA- Adulto PF	<.0001
	Criança 1 PA- Adulto PA	<.0001			Criança 1 PA- Adulto PA	<.0001
	Criança 1 PA- Criança 2 PF	<.0001			Criança 1 PA- Criança 2 PF	<.0001
	Criança 1 PA- Criança 1 PF	<.0001			Criança 1 PA- Criança 1 PF	<.0001
	Criança 1 PA- Adulto PF	<.0001			Criança 1 PA- Adulto PF	<.0001
	Adulto PA- Criança 2 PF	1			Adulto PA- Criança 2 PF	1
	Adulto PA- Criança 1 PF	1			Adulto PA- Criança 1 PF	0.8969
	Adulto PA- Adulto PF	1			Adulto PA- Adulto PF	1
Criança 2 PF- Criança 1 PF	1	Criança 2 PF- Criança 1 PF	0.9827			
Criança 2 PF- Adulto PF	1	Criança 2 PF- Adulto PF	1			
Criança 1 PF- Adulto PF	1	Criança 1 PF- Adulto PF	0.3695			

PA = Pergunta Aberta

PF = Pergunta Fechada

Fonte: Elaborado pela autora

APÊNDICE D

Tabela de intervalos de confiança da Figura 4

	Criança 1	Criança 1	Criança 2	Criança 2	Adulto	Adulto
	PA	PF	PA	PF	PA	PF
<i>Item 1</i>	25%	79%	35%	75%	78%	88%
	48%	103%	61%	101%	102%	112%
<i>Item 2</i>	0%	61%	55%	79%	84%	84%
	24%	84%	81%	105%	109%	109%
<i>Item 3</i>	9%	73%	59%	83%	81%	81%
	33%	97%	85%	109%	106%	106%
<i>Item 4</i>	-12%	49%	-5%	55%	54%	84%
	12%	72%	21%	81%	79%	109%
<i>Item 5</i>	-12%	19%	-1%	75%	81%	84%
	12%	42%	25%	101%	106%	109%
<i>Item 6</i>	-12%	58%	15%	75%	78%	84%
	12%	81%	41%	101%	102%	109%

Fonte: Elaborado pela autora

APÊNDICE E

Tabela de contrastes entre os itens

Itens	Valor p
1-2	0.9831
1-3	0.9994
1-4	<.0001
1-5	<.0001
1-6	0.0034
2-3	0.9079
2-4	<.0001
2-5	<.0001
2-6	0.0333
3-4	<.0001
3-5	<.0001
3-6	0.0009
4-5	0.9387
4-6	0.013
5-6	0.1668

Fonte: Elaborado pela autora

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO GRUPO CONTROLE – ADULTOS

Você está sendo convidado a colaborar como participante da pesquisa “Construção e validação de um teste de linguagem figurada”. Por favor, leia os seguintes esclarecimentos a fim de decidir se participará da pesquisa.

O projeto objetiva examinar a compreensão da linguagem figurada e é composto por tarefas que tratam da compreensão de metáforas, expressões idiomáticas, provérbios, metonímias e ironias. Algumas vezes dizemos literalmente o que queremos. Por exemplo, se uma amiga ajuda a outra, podemos dizer que a Luisa ajudou a Carol. Mas também dizemos que a Luisa quebrou um galho para a Carol. Chamamos ‘quebrar um galho’ de expressão idiomática. Também podemos dizer que alguém comeu dois pratos (ao invés de dizer que ela comeu o alimento contido em dois pratos). Esse é um exemplo de metonímia.

A sua inclusão neste projeto envolve a participação em uma entrevista individual de aproximadamente 15 minutos. Nesta entrevista serão realizadas tarefas individuais sobre linguagem. Normalmente, não há desconfortos na aplicação dos questionários. Entretanto, há risco de você se sentir cansado. Esta pesquisa proporcionará para a comunidade científica um melhor entendimento sobre compreensão de linguagem figurada. Suas respostas ficarão armazenadas por tempo indeterminado no computador dos pesquisadores, no Gabinete 117, que se encontra no Instituto de Letras da UFRGS.

Pelo presente termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do projeto de pesquisa e que estou ciente:

- da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos questionários e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento;
- da segurança de que não serei identificado em nenhum momento além da entrevista e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas;
- da probabilidade de apresentar os resultados dessa pesquisa em eventos científicos e em publicá-los;
- de que não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e que receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os pesquisadores envolvidos na tarefa são Caroline Girardi Ferrari, Laura Baiocco, Nichele Lopes e Sérgio Duarte Júnior. A pesquisadora responsável por este projeto é a Prof^a. Dr^a. Maity Siqueira, que poderá ser contatada pelo telefone: 51 33086791 e pelo email maity.siqueira@ufrgs.br

(Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS.)

Data:/...../.....

Nome do participante:

Assinatura do participante:.....

Nome do pesquisador:

Assinatura do pesquisador:

Assinatura da pesquisadora responsável:

ANEXO B**TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa Construção e Validação de um teste de Linguagem Figurada. Seus pais permitiram que você participe e já assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na nossa pesquisa, queremos saber em que idade as crianças compreendem diferentes tipos de linguagem figurada, como provérbios, por exemplo. As crianças que irão participar dessa pesquisa têm de 5 a 12 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita na sua escola, onde as crianças responderão algumas perguntas sobre linguagem figurada. A entrevista que fazemos é considerada divertida, mas é possível que você se sinta cansado ao responder. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo telefone 51 33086791 da pesquisadora Maity Siqueira. Mas há coisas boas que podem acontecer, como você aprender alguns ditados da nossa língua.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Suas respostas ficarão guardadas por bastante tempo no computador dos pesquisadores. Quando terminarmos a pesquisa, escreveremos sobre os resultados mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima desse texto.

Eu, _____ aceito participar da pesquisa Construção e Validação de um teste de Linguagem Figurada. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar chateado. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)